

# HOJE

ARQUEOLOGIA NO BAIXO SADO

**Mais dados  
sobre a  
domesticação  
do melhor  
amigo do  
homem**



## No Mesolítico, operou-se

uma transição determinante para o futuro da humanidade. Gradualmente, comunidades recolectoras e nómadas foram-se convertendo em sociedades agropastoris. No Próximo Oriente, no quadro da revolução neolítica, foram domesticadas ovelhas, cabras, auroques e javalis. Na Europa, esse processo de domesticação começou no fim do Paleolítico e ainda estava em curso no Mesolítico com um único protagonista — o cão.

No final do Verão passado, num concheiro do vale do Sado, uma descoberta ajudou a completar este quadro. Preservado pelo ambiente geoquímica do concheiro, o esqueleto de um cão de dimen-

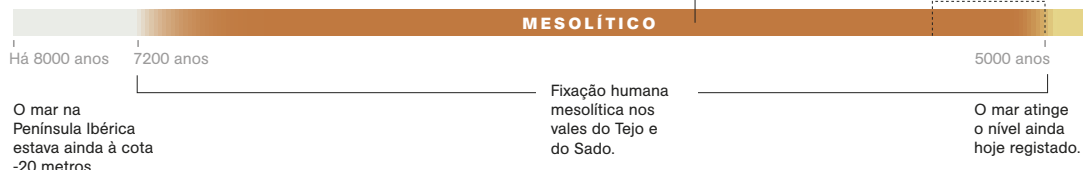
são média estava deitado sobre o flanco esquerdo, com as patas cuidadosamente recolhidas.

Os resultados da datação por radiocarbono e a análise de DNA que deverão estar concluídos brevemente vão fornecer dados mais categóricos sobre o início do processo de domesticação do cão no território nacional. “A cuidadosa deposição do cadáver na necrópole traduz o significado simbólico que lhe era atribuído por estas populações”, diz a arqueóloga Mariana Diniz, que coordenou, com Pablo Arias, a equipa da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade da Cantábria nas escavações do concheiro das Poças

No espólio do Museu Nacional de Arqueologia, existem esqueletos humanos datados do Mesolítico, igualmente provenientes de concheiros do Sado.



Final do Mesolítico e início do Neolítico em Portugal coincidiram neste período.



FONTE: "PRÉ-HISTÓRIA DE PORTUGAL", JOÃO LUÍS CARDOSO (2002).

de Bento. Essa importância poderá expressar a valorização do papel do cão como auxiliar de caça ou um laço afectivo que ultrapassa a simples relação simbiótica.

O momento da domesticação do cão tem vindo a ser recuado pelos contributos da arqueologia e da genética. O processo de domesticação de animais selvagens teve uma natureza económica, mas esteve associado a um conjunto "de alterações sociais e mentais que, no limite, distingue as sociedades produtoras, sedentárias e armazenadoras das sociedades de caçadores-recolectores, não-sedentárias, sem acumulação de riqueza", explica a arqueóloga. "Esse parece um fenómeno profundo de domesticação não apenas da natureza, mas da sociedade e dos seres humanos." Curiosamente, foi preciso esperar até ao século VII nos mosteiros da Provença para assistir a outra domesticação no espaço europeu – no caso, do coelho –, como documentou a investigação genética de Nuno Ferrand, coordenador do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos do Porto.

Os concheiros do Sado foram descobertos na década de 1930 pelo engenheiro-agrónomo Lerenó Barradas. Na década de 1950, Manuel Heleno, director do Museu Nacional de Arqueologia (MNA), promoveu uma intensa campanha no Sado de que resultou um espólio de milhares de artefactos líticos, objectos de adorno e restos faunísticos, e a identificação de uma centena de enterramentos humanos.

O projecto Sado-Meso, em curso desde 2010, pretende aprofundar o estudo das colecções em depósito no MNA e prosseguir no terreno. – Alexandre Vaz



*O bloco de sedimentos que continha o esqueleto do cão foi transferido para o Museu Nacional de Arqueologia, onde a equipa de Mariana Diniz (em cima) trabalhou.*